

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO**  
JORNALISMO LATINO-AMERICANO

ALEXANDRE MELO  
LETÍCIA MEROTTO  
MARIA AMANDA LOPES  
YURI NERI



Universidade  
Federal  
Fluminense

**CRIMES CONTRA A IMPRENSA LATINO-AMERICANA**

Uma análise de assassinatos e outros atentados contra jornalistas de 1970 até a atualidade

RIO DE JANEIRO  
10 DE DEZEMBRO DE 2020

## **1. Introdução**

Segundo a ONG Repórteres Sem Fronteiras (RSF), a América Latina é a região mais perigosa do globo para exercer o jornalismo. De 1970 até 2019, mais de 1.100 jornalistas foram mortos ou desaparecidos, e apesar de chocante, esse número ainda não abrange aqueles que foram exilados durante regimes autoritários ou perseguidos por fins políticos.

Pepe Mujica opina que a liberdade de imprensa é relativa na América Latina<sup>1</sup>, e essa é uma síntese para explicar o momento atual do jornalismo nessa região. Até hoje, não são raros os casos de jornalistas perseguidos ou assassinados em decorrência de seu trabalho, mesmo em países democráticos. Segundo o ex-presidente uruguaio, tal profissão tem o poder de moldar a percepção da realidade a partir de relatos e denúncias, e isso é nocivo às camadas do poder que tiram proveito dos problemas sociais e econômicos do continente. Influenciar a maneira de pensar das pessoas, de acordo com Mujica, é uma das formas de influenciar uma sociedade para perceber suas próprias mazelas. O problema, entretanto, é quando as mazelas são fruto de um plano político. O polímata Rui Barbosa discorre sobre o papel da imprensa perante os problemas da sociedade:

A imprensa é a vista da nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça. (...) Um país de imprensa degenerada ou degenerescente é, portanto, um país cego e um país miasmado, um país de idéias falsas e sentimentos pervertidos, um país que, explorado na sua consciência, não poderá lutar com os vícios, que lhe exploram as instituições. (BARBOSA, 2004. Pág. 32)

Dessa forma, a “vista” dos países latinos é turva e avermelhada de sangue, já que, além da liberdade de expressão relativa, a região se destaca negativamente com mortes, perseguições e outros tipos de atentados a jornalistas. Este trabalho, portanto, tem por objetivo analisar os crimes contra a imprensa ocorridos desde 1970 na América Latina, refletindo sobre suas causas, denunciando a impunidade e analisando os casos a partir de dados da InfoAmerica, da UNESCO e de outros portais.

## **2. Crimes contra a imprensa latino-americana**

### **2.1 Impunidade**

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M22sofHGJPE>> Acesso em: 9 dez.. 2020

Para regular as condutas humanas numa tentativa de se evitar o caos, a sociedade cria leis, função comumente atribuída ao Poder Legislativo. Entretanto, apenas sua criação não basta para assegurar que elas sejam cumpridas, assim, a função de fiscalização cabe ao chamado Poder Executivo. Além disso, caso o indivíduo viole alguma dessas regulamentações, estará cometendo um crime e será julgado pelo Poder Judiciário.

Quando um desses três poderes falha em suas tarefas, o restante atua em vão. Isso é exatamente o que acontece com os crimes contra jornalistas atualmente, principalmente na região da América Latina. Apesar da existência de leis que asseguram o direito à informação e à vida nos países que compõem a região, o Estado é falho na punição desses crimes, que violam os direitos humanos e mancham a história da profissão no continente.

Dessa forma, a impunidade diante de crimes contra jornalistas contribui para que tais transgressões continuem ocorrendo. Segundo os dados disponibilizados pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação), desde o ano de 2000, mais de 328 jornalistas foram assassinados na América Latina, sendo que, desses casos, 239 foram arquivados ou não resolvidos e apenas 62 foram dados como resolvidos em todos esses 20 anos. Devido a essa omissão e descaso estatal, os números não param de crescer e o problema parece estar bem longe de uma solução.

## **2.2 Investigação**

No ano de 2013, a Organização das Nações Unidas (ONU) postulou que os Estados membros tomassem medidas concretas para prevenir ataques contra jornalistas, garantindo o direito das vítimas à reparação e que os responsáveis pelo crime sejam levados à justiça. A resolução também estimula os Estados a promover um ambiente favorável e seguro no qual os jornalistas possam realizar seu trabalho de forma independente e sem interferência. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos, através da Relatoria Especial para a Liberdade de Expressão (RELE), manifestou em diversas ocasiões que os povos americanos têm o dever de investigar, julgar e condenar todos os autores de crimes contra comunicadores, considerando desde os assassinos e colaboradores até aqueles que acobertam os casos. Entretanto, foram poucas as medidas por parte das autoridades oficiais latino-americanas. No México, por exemplo, país com maior número de crimes contra jornalistas, foi criada uma fiscalização especial para delitos contra a liberdade de expressão, responsável por investigar crimes contra jornalistas. Porém, com a burocracia do sistema federal mexicano, muitos casos acabam sendo de responsabilidade direta de órgãos

fiscalizadores regionais, que acabam se tornando obstáculos na continuidade de cada caso. Assim, por mais que sejam criadas entidades especializadas para análise e investigação, a justiça mexicana e suas leis acabam não sendo efetivas na punição dos acusados.

No Brasil, assim como em grande parte da América Latina, apesar do trabalho de organizações e sindicatos como a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) que cobram os governantes por medidas de segurança e respeito ao trabalho dos jornalistas, são normalmente os órgãos de justiça os grandes responsáveis por identificar e punir os criminosos.

Na região latino-americana, o país considerado como mais hostil para o exercício da profissão é o México, sendo as máfias do narcotráfico as principais responsáveis na maioria dos casos de assassinato a jornalistas. Em 2019, o país foi o mais mortífero contra jornalistas, totalizando mais de 52% dos assassinatos na região e mais de 20% do mundo. Além disso, dos 328 jornalistas assassinados na América Latina desde os anos 2000, 120 o foram em terras mexicanas.

Diante de números tão altos, o país foi pressionado internacional e nacionalmente para que medidas fossem tomadas. Assim, o Estado criou Instituições como a Promotoria Especial de Atendimento a Crimes Contra a Liberdade de Expressão da PGR e o Mecanismo de Proteção de Defensores de Direitos Humanos e Jornalistas. Mesmo assim, segundo um artigo de opinião feita pelo pesquisador Raúl Delarbre do Instituto de Pesquisas Sociais da UNAM publicado no blog *Resonancias*, o problema não foi nem de longe resolvido devido a diversas falhas nas medidas propostas:

Os depoimentos de jornalistas ameaçados ou perseguidos que enfrentaram o labirinto de ministérios públicos negligentes, processos judiciais tortuosos e a demora, por vezes criminosa, no cumprimento das medidas de proteção, revelam a complexidade e a defasagem de tais tarefas. E se há deficiências na esfera federal, essas limitações muitas vezes são percebidas e sofridas muito mais nos governos estaduais, entre os quais há administrações que notoriamente relutam em reconhecer a peculiaridade e a gravidade dos ataques aos informantes. A situação é pior no nível municipal; os jornalistas são frequentemente atribuídos, supostamente para protegê-los, aos mesmos policiais que os ameaçaram ou assediaram.” (DELARBRE, 2018.)

### **3. Regimes ditatoriais na América Latina**

Com o contexto da Guerra Fria e o apoio dos Estados Unidos, diversas ditaduras se instauraram na América Latina na segunda metade do século XX a fim de evitar a ameaça

“comunista” que até hoje dizem assombrar o continente. Dessa forma, esses regimes autoritários e conservadores ficaram marcados por suas posturas repressivas perante a imprensa, não só restringindo o direito à oposição mas também a partir de atentados a jornalistas. Abaixo, serão citados quatro casos diferentes de jornalistas mortos devido ao exercício de sua profissão em períodos ditatoriais:

### **3.1 Argentina**

O golpe de estado de 24 de Março de 1976 depôs a então presidente María Estela Martínez de Perón, impondo no poder uma junta militar formada pelas três armas das forças armadas (Marinha, Aeronáutica e Exército). Autodenominado “Proceso de Reorganización Nacional”, o regime usou de meios autoritários - e inclusive de um plano sistemático de terrorismo contra a sociedade- para garantir a ordem política e econômica no país.

De acordo com o *Livro Periodistas Desaparecidos: Las voces que necesitaba silenciar la dictadura*, da Unión de Trabajadores de Prensa de Buenos Aires, publicado em 1987, isto é, 4 anos depois do término da ditadura, 87 trabalhadores da imprensa desapareceram - número que representava quase 2% de todos os casos de desaparecimento registrados na história do país -, e mais 17 foram assassinados. Em nova verificação por parte do Registro Unificado de Víctimas do Terrorismo de Estado da Secretaria de Direitos Humanos e Pluralismo Cultural do país, realizada em 2016, o número de mortos e desaparecidos subiu para 171 casos. Em 2019, em mais uma atualização do Registro Nacional, o número se elevou para 223.

Dentre as tragédias mais notórias, destaca-se o nome de Rodolfo Jorge Walsh, que escrevia para o *La Opinión*. Foi morto a tiros em 1977 após redigir uma carta aberta ao governo argentino, denunciando a censura à imprensa, a morte de seus companheiros jornalistas e de sua filha, Maria Victoria, morta no *Combate de la calle Corro* um dia após completar 26 anos.

### **3.2 Brasil**

Com duração de 1 de Abril de 1964 até 15 de Março de 1985, a ditadura militar brasileira teve como marco inicial a derrubada de João Goulart, membro do Partido Trabalhista Brasileiro, presidente do Brasil após renúncia de Jânio Quadros. De caráter

nacionalista e anti-comunista, a intervenção militar que inicialmente seria breve acabou perdurando por 20 anos. Em 2014, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo listou 25 nomes de jornalistas mortos durante o período ditatorial. A InfoAmerica, entretanto, sugere 26 nomes desaparecidos ou mortos em meio ao regime.

O exemplo mais célebre é o jornalista de origem iugoslava Vladimir Herzog, torturado até a morte nas instalações do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna) por ser acusado de conspiração, é um dos casos mais célebres. Os militares adulteraram provas para alegar que Herzog se suicidara.

### **3.3 Chile**

Depondo Salvador Allende, o primeiro presidente socialista a ser eleito democraticamente na América Latina, a ditadura chilena teve início em 11 de setembro de 1973 e se estendeu por quase vinte anos, até 11 de março de 1990. O regime de Augusto Pinochet é responsável pela tortura de cerca de 40000 chilenos, morte de 3000 pessoas e por uma extensa lista de exilados. Segundo o portal InfoAmerica, 37 jornalistas foram mortos ou desapareceram durante o período da ditadura. O último, inclusive, no último ano de repressão em 1990. É o caso do britânico Jonathan Moyle, de apenas 28 anos, assassinado após relatar informações sobre o tráfico de armas.

O caso mais marcante se trata do jovem jornalista americano Charles Edmund Horman Lazar, assassinado logo após o golpe de estado do dia 11 de setembro. Apesar de sua esposa, Joyce Horman, crer que ele foi morto por ter muito conhecimento sobre a participação norte-americana na ditadura chilena, é possível que ele tenha sido executado justamente para ocultar a presença estadunidense no golpe. Sua história inspirou o filme *Missing* (1982), do diretor greco-francês Costa-Gravas.

### **3.4 Guatemala**

O país foi palco do primeiro golpe de estado promovido pelo Governo Americano na América Latina. O período histórico entre 1954 e 1985 é comumente classificado como “conflito social interno” e, em alguns casos, até mesmo guerra civil devido à sequência de governos militares. Segundo a InfoAmerica, 80 jornalistas desapareceram ou morreram nesse intervalo.

Dentre os casos, destaca-se a psicóloga e jornalista Irma Flaquer Azurdia. Ela já havia sobrevivido a um atentado anterior quando, em 16 de outubro de 1980, foi sequestrada por oito homens armados que interceptaram seu carro, no episódio que também matou o seu filho de 23 anos. Flaquer era grande representante dos direitos humanos e escrevia para o *La Nación*.

#### **4. Crimes na atualidade**

A realidade é que a América Latina tornou-se ainda mais intolerável e de altíssimo risco para comunicadores, visto que além dos já conhecidos ataques de censura, alguns jornalistas também sofrem com perseguições políticas que se tornaram estratégicas em governos como no Brasil, México e Venezuela. No atual governo de Nicolás Maduro não há dados de jornalistas assassinados, porém as pressões chegam por outras vias como a falta de papel, que obriga o fechamento de muitos diários regionais.

No Brasil, o governo do atual presidente Jair Bolsonaro é marcado pela perseguição e incitação ao ódio a jornalistas e comunicadores, que chegaram a se retirar da área de imprensa do Palácio da Alvorada (residência oficial do presidente da República) por motivos de segurança, temerosos de agressões vindas dos apoiadores do presidente, e que não eram coibidas pela segurança do Palácio. O caso mais recente no território brasileiro foi o do jornalista Edney Menezes, morto a tiros por motociclistas não-identificados na cidade de Peixoto de Azevedo, no Estado do Mato Grosso, no dia quinze (15) de Novembro de 2020, quando a cidade reelegera o prefeito Maurício Ferreira, político para quem Edney trabalhava em campanha eleitoral. A polícia civil ainda investiga o caso. O Brasil ainda é marcado pelo assassinato do jornalista Tim Lopes, torturado dentro de uma favela do Rio de Janeiro no ano de 2002, na época Tim Lopes preparava uma matéria investigativa apurando denúncias de prostituição de menores durante bailes funk na comunidade.

Um outro crime envolvendo jornalistas que ganhou grande repercussão na América Latina foi o sequestro e assassinato da equipe jornalística do diário “*El Comercio*”, do Equador, entre março e abril de 2018. O jornalista Javier Ortega, o fotógrafo Paúl Rivas e o motorista Efraín Segarra, foram capturados na província de Esmeraldas, na fronteira do Equador com a Colômbia, quando realizavam uma reportagem sobre a crescente insegurança na região. O crime foi atribuído ao grupo “*Oliver Sinisterra*”, liderado por Walter Patricio Arízala Vernaza, também conhecido como Alias ‘*Guacho*’, um guerrilheiro dissidente das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Familiares das vítimas e organizações

defensoras da liberdade de imprensa cobram até hoje por respostas e informações a respeito da condução das operações por parte das autoridades, que na época divergiam entre si sobre a localização dos sequestrados. Em treze (13) de Abril de 2018, Presidente do Equador confirmou a morte dos jornalistas sequestrados, oferecendo uma recompensa de cem mil dólares por informações dos assassinos, que seguem foragidos.

No México, país com os mais altos índices de violência contra jornalistas no mundo, o narcotráfico é o principal responsável por boa parte dos casos, sendo o mais recente a morte do jornalista Israel Vázquez. O repórter, que escrevia matérias policiais, foi morto a tiros no dia nove (9) de Novembro de 2020 em meio a uma apuração investigativa a respeito da descoberta de restos humanos no violento estado de Guanajuato. Vázquez foi um dos três jornalistas mortos em menos de um mês no território mexicano

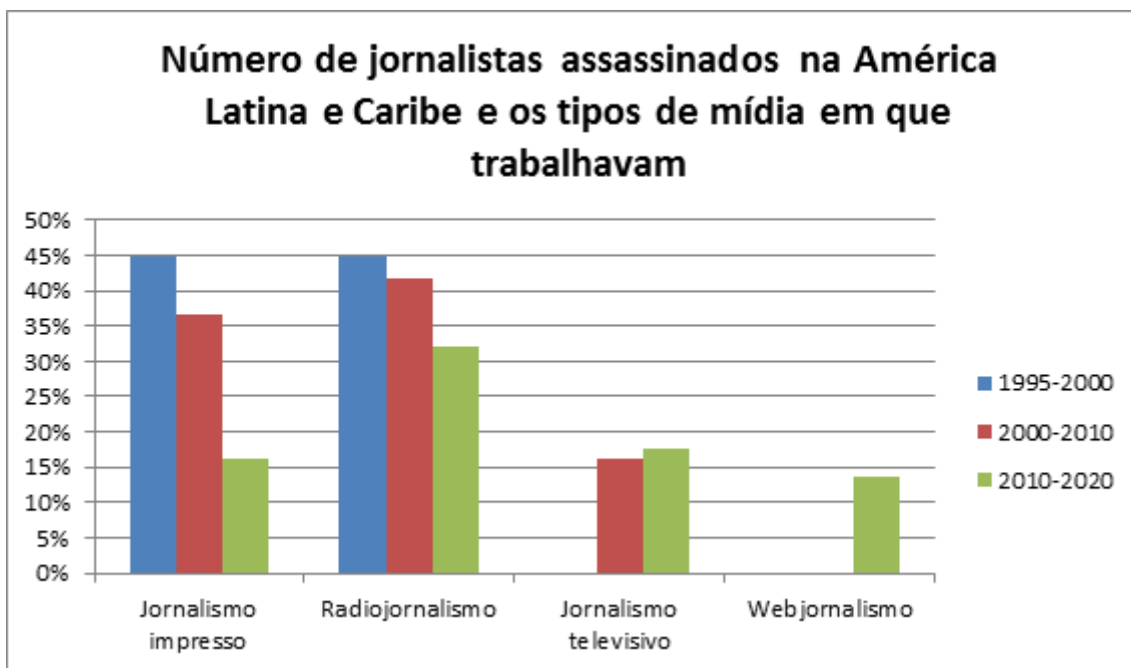
Outro caso recente é o do jornalista guatemalteco Mario Arturo Ortega García, assassinado a tiros no dia quatorze (14) de Novembro de 2020 em Escuintla, próximo a capital Ciudad de Guatemala. Ortega García cobria temas políticos e sociais de forma independente um canal de televisão e um site de notícias que ele mesmo fundou. Autoridades locais ainda investigam o caso, que foi informado ao mundo por Audrey Azoulay, Diretora-Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

## 5. Padrões

Não é difícil perceber um certo padrão nesses crimes, tanto entre os alvos como entre os próprios criminosos. Analisando os dados no observatório do site da UNESCO e o relatório também feito pela Organização em 2017, foi possível perceber que: (a) **os tipos de mídia no qual a maioria das vítimas atuam correspondem àquelas em maior ascensão no período**, seguindo a evolução dos meios de comunicação. Mesmo assim, independente de em qual tipo de mídia ou plataforma o fazem, (b) **jornalistas que abordam sobre narcotráfico e temas políticos são os mais perseguidos** e, não obstante, (c) **lugares onde há mais facções criminosas radicais - por polarização política e/ou por tráfico de narcóticos e outros tipos de drogas - são os locais onde há o maior número de assassinatos a jornalistas**. Assim, (d) **jornalistas locais também são os mais perseguidos** e, apesar de não serem os maiores alvos atualmente, (e) **jornalistas televisivos, como repórteres, são mais vulneráveis a esse tipo de crime por sua exposição**.



## 5.1 Os tipos de jornalismo e os meios de comunicação



Dados retirados do Observatório da UNESCO. Gráfico: Letícia Merotto

Na História, o surgimento de novas tecnologias modificou os tipos de mídia utilizados para transmissão de informações e, conseqüentemente, alguns meios tiveram sua ascensão enquanto outros foram tendo sua queda em termos de popularidade. Por suas vezes, as mídias com o maior número de alcance tinham um poder maior na propagação de informações e influência. Entretanto, a verdade que a imprensa traz não agrada a todos, principalmente aqueles que infringem a lei. Assim, não é difícil traçar o padrão de que o número de jornalistas assassinados em cada tipo de mídia segue a evolução dos meios de comunicação, com os meios com maior alcance na época.

Em meados da década de 90 até 2000, os meios mais utilizados pela imprensa ainda eram os jornais impressos e o rádio, assim, os veículos de comunicação mais influentes utilizavam esses tipos de mídia. Não por coincidência, 45% dos jornalistas assassinados nessa época trabalhavam com jornalismo impresso e outros 45% com radiojornalismo.

A televisão, por sua vez, também era um meio presente na época, mas recém-surgida. Entretanto, não demorou muito para que os casos de assassinatos a profissionais televisivos tivessem expressão. Do seu “boom” na década de 60 até menos de 50 anos depois, o número de jornalistas televisivos assassinados já representava 16% das execuções a jornalistas na América Latina.

Enquanto na televisão apareciam cada vez mais casos, o radiojornalismo e o jornalismo impresso diminuíram o número de assassinatos em 13% e 17,8%, respectivamente. Paralelo a isso, o surgimento da internet e sua comercialização por volta dos anos 2000 veio fazendo o jornalismo migrar e se adaptar às redes sociais e websites, se tornando uma das principais plataformas de propagação de informações na atualidade. Mesmo surgida há tão pouco tempo, a sua influência já é extrema e, não por acaso, de 2010 para 2020 o número de webjornalistas assassinados já corresponde a 13,7% do total.

## **5.2 O narcotráfico e radicalismo político**

Dentre os países latino-americanos também existe um padrão dentre os países que mais assassinam jornalistas: a presença do narcotráfico e a crise democrática/radicalismo político. Um grande exemplo da relação entre o tráfico de narcóticos e drogas e esses tipo de assassinatos é o México -u m dos líderes do narcotráfico mundial e o país que mais mata jornalistas no mundo segundo dados de 2019 da Unesco-, onde 7 profissionais da imprensa que denunciavam o narcotráfico foram assassinados por facções criminosas radicais presentes no país até o ano de 2017. No caso de Honduras, com 12,2% dos casos de execução desses profissionais, destaca-se principalmente a enorme crise política e democrática. A maior evidência dessa relação é que, especificamente no período do início da crise na democracia no país até um ano depois do fim do governo ditatorial e fascista de Roberto Micheletti (2008-2012), o número de jornalistas assassinados em Honduras representaram 25% do total de crimes do tipo na América Latina, um número bastante alto e que o país nunca havia alcançado. No Brasil, os dois problemas se unem, tanto o narcotráfico quanto a crise política, contribuindo para que o país seja território de quase 15% dos assassinatos a jornalistas na região latino-americana desde 1995.

## **5.3 O jornalismo local**

Um outro padrão possível de ser identificado é que os crimes ocorrem em sua maioria com comunicadores locais, que trabalham em cidades situadas longe dos centros urbanos. No Brasil, em 2019, a UNESCO, em parceria com a Presidência do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) e a Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública (Enasp), fez um relatório sobre a violência contra jornalistas no país e se pode ver que 94% - quase a totalidade - dos casos ocorreram em cidades afastadas dos centros urbanos, onde as vítimas eram jornalistas, profissionais de imprensa, comunicadores autônomos ou pertencentes a pequenos grupos de mídia que trabalhavam na região.

Isso ocorre por diversos fatores, entre eles a influência que os jornais locais têm em suas regiões e o fato dos casos não ganharem visibilidade. Além disso, o Poder Judiciário nessas regiões é menos eficaz e, portanto, é maior a impunidade dos agressores, como mostra o relatório do CNMP:

Essa circunstância dificulta que os episódios cheguem ao conhecimento da população, ficando a repercussão desses fatos limitada ao território onde ocorreram. Ao lado das notórias deficiências estruturais das Polícias Judiciárias, sobretudo nos rincões do país, que dispõem de poucos recursos humanos e materiais para o desempenho de seu mister, esse fator acarreta inexoravelmente situações de impunidade como as detectadas neste estudo.” (CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO, 2019)

#### **5.4 O jornalismo televisivo**

Por fim, um último ponto a se destacar é o fato de que jornalistas televisivos são os mais vulneráveis a ataques. Apesar de não serem necessariamente os mais assassinados, o exercício da profissão através desse meio de comunicação, principalmente por aqueles que abordam sobre política e crimes, é o que mais expõe os profissionais.

Os motivos vão além do fato do meio ser muito utilizado no exercício jornalístico atualmente. A grande questão é a exposição dos profissionais, não só dos repórteres durante a realização da reportagem, mas todos os jornalistas que têm seus rostos divulgados nas televisões. Um ponto importante de se lembrar é que nos outros meios de comunicação, como o rádio, jornal impresso, webjornalismo, em geral, apenas os nomes, vozes e/ou escritos dos jornalistas são veiculados.

Sendo assim, a televisão ainda é um dos meios nos quais mais comunicadores são vítimas de assassinatos. Segundo dados da UNESCO, desde 1955 até atualmente, jornalistas televisivos representam mais de 17% das vítimas das execuções na América Latina e quase 30% no mundo todo. Além disso, apenas no ano de 2017, profissionais que atuam na TV representaram o maior número de assassinados no mundo, com 45% do total.

### **6. Conclusão**

Quando um jornalista morre, leva consigo o vazio da liberdade de expressão que não lhe foi assegurada. O próprio ato de desaparecer com alguém ou assassinar, por si só, já é grave e desumano. Quando esse alguém é um jornalista, que está apenas exercendo seu

trabalho e lutando para levar a informação à população no geral, isso se torna uma afronta ainda maior à democracia. Sendo o jornalismo uma das bases dos regimes democráticos, cada vez que um jornalista corre perigo de vida, mais nos aproximamos de um regime autoritário.

Para realizar esta pesquisa, utilizamos dados de portais e organizações que visam garantir a liberdade de imprensa. Apesar da maioria dos governos da América Latina serem democráticos, e não ditatoriais como na segunda metade do século XX, os casos de jornalistas mortos ou desaparecidos persistem. Para resolver esse problema, deve-se criar comissões fiscalizadoras dos crimes contra a imprensa e denunciar a impunidade de tais criminosos. Entretanto, deve-se entender que a criminalidade contra a imprensa é um dos pilares de um grande problema que extrapola os estudos da comunicação social, sendo necessário o auxílio de outras ciências como a Sociologia, a História e a Antropologia, por exemplo.

No mais, tendo o jornalismo um papel fiscalizador perante a sociedade e, segundo Pena (2006), sendo responsável por ajudar a criar a realidade, que ele denuncie e busque respostas sobre tais atentados cujas vítimas são os próprios jornalistas. Quem sabe, no futuro, talvez possamos viver em uma realidade em que não haja impunidade sobre os crimes contra a imprensa.

## **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Editora Papagaio, 2004;

BBC NEWS. **Os traficantes 'invisíveis' que controlam o comércio de drogas na Colômbia - e não se parecem em nada com Pablo Escobar**. G1 Mundo, 21 de Abril de 2018. Disponível em: <[https://g1.globo.com/mundo/noticia/os-trafficantes-invisiveis-que-controlam-o-comercio-de-drogas-na-colombia-e-nao-se-parecem-em-nada-com-pablo-escobar\\_ghtml](https://g1.globo.com/mundo/noticia/os-trafficantes-invisiveis-que-controlam-o-comercio-de-drogas-na-colombia-e-nao-se-parecem-em-nada-com-pablo-escobar_ghtml)>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

CALLOU, Angelo Brás Fernandes; MOTA, Iraê Pereira. **Comunicação e Desenvolvimento Local: o papel do jornalista**. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). 2011, Recife.

Cidade. **“DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA”, RELATÓRIO ELABORADO PELO PNUD, É A PAUTA DA CONFERÊNCIA**. 06 de Janeiro de 2005. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/nph/ong/?p=217>> . Acesso em 08 de Dezembro de 2020.

Conselho Nacional do Ministério Público. **CNMP lança relatório com o retrato da violência contra comunicadores no Brasil**. Brasil, 2019. Todas as Notícias. Disponível em

<<https://www.cnmp.mp.br/portal/todas-as-noticias/12108-cnmp-lanca-relatorio-com-o-retrato-da-violencia-contra-comunicadores-no-brasil>>. Acesso em 07 de dez. de 2020.

Conselho Nacional do Ministério Público. **Levantamento de dados processuais sobre homicídios de comunicadores**, 2019. Disponível em <<https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2019/Violencia-contra-comunicadores-no-Brasil-VERSAO-FINAL-.pdf>>. Acesso em 05 de dez. de 2020.

DELARBRE, Raúl. Periodistas Perseguidos. **Resonancias**, 2018. Disponível em <<https://www.iis.unam.mx/blog/periodistas-perseguidos/>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

El País. **Crimes contra a imprensa**. 16 de Maio de 2017. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/16/opinion/1494954971\\_126490.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/16/opinion/1494954971_126490.html)>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

FELIX, Victor. **América Latina é tão perigosa quanto o Oriente Médio para jornalistas, informa RSF**. Portal dos Jornalistas, 27 de Dezembro de 2019. Disponível em <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/america-latina-e-tao-perigosa-quanto-o-oriente-medio-para-jornalistas-informa-rsf/>>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

GARCÍA CASAS, Luis. Poder político vs. periodismo: una lucha desigual que se agrava en Latinoamérica. Deutsche Welle (dw), 17 de Agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/es/poder-pol%C3%ADtico-vs-periodismo-una-lucha-desigual-que-se-agrava-en-latinoam%C3%A9rica/a-54600630>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

IFJ.org. **171 periodistas muertos por COVID en América Latina: el triple de las víctimas registradas por violencia institucional y terrorismo en 2019**. 19 de Agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.ifj.org/es/centro-de-medios/noticias/detalle/category/health-and-safety/article/america-latina-con-171-muertos-el-covid-ya-se-cobro-mas-vidas-de-periodistas-que-la-violencia-insti.html>>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

InfoAmerica. **Argentina: periodistas muertos y desaparecidos**. Disponível em <[https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados\\_ar.htm](https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados_ar.htm)>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

InfoAmerica. **Brasil: periodistas muertos y desaparecidos**. Disponível em <[https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados\\_br.htm](https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados_br.htm)>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

InfoAmerica. **Chile: periodistas muertos y desaparecidos**. Disponível em <[https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados\\_cl.htm](https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados_cl.htm)>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

InfoAmerica. **Guatemala: periodistas muertos y desaparecidos.** Disponível em <[https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados\\_gt.htm](https://www.infoamerica.org/libex/muertes/atentados_gt.htm)>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

InfoBae. **49 periodistas fueron asesinados por ejercer su profesión en 2019: América Latina, la región con más muertes.** 01 de Janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.infobae.com/america/mundo/2020/01/01/49-periodistas-fueron-asesinados-por-ejercer-su-profesion-en-2019-america-latina-la-region-con-mas-muertes/>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

MINDEZ, Leonardo. **Persecución, muerte y pauta gubernamental, los dramas del periodismo latinoamericano fueron expuestos en una cumbre mundial.** INFOBAE, 10 de Julho de 2019. Disponível em: <<https://www.infobae.com/america/mundo/2019/07/10/persecucion-muerte-y-pauta-guberna>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

MIOLI, Teresa. **Na América Latina e no Caribe, a grande maioria dos assassinatos de jornalistas ficam impunes; México e Brasil lideram a região e o mundo na impunidade.** Latam Journalism Review, 03 de Novembro de 2020. Disponível em: <<https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/assassinatos-jornalistas-america-latina/>>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

MUÑOZ LIMA, Rosa. **Espionaje a periodistas en América Latina: “Amenaza letal a la libertad de prensa”.** Deutsche Welle (dw), 06 de Maio de 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/es/espionaje-a-periodistas-en-am%C3%A9rica-latina-amenaza-letal-a-la-libertad-de-prensa/a-53355435>>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

NERYS, Ingrid. **A mudança dos Meios de Comunicação.** Folha Vitoria, 22 de Maio de 2018. Disponível em: <<https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/05/2018/-conexao-faesa2105--a-mudanca-dos-meios-de-comunicacao>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

O Globo e agências internacionais. **América Latina é a região mais perigosa para jornalistas, diz Repórteres Sem Fronteiras,** 2019. Disponível em <[encurtador.com.br/rCOPX](http://encurtador.com.br/rCOPX)>. Acesso em 09 de dez. de 2020;

OLIVEIRA, Hallef. **Jornalista é executado com tiros na cabeça dentro de carro.** PnbOnline, 16 de Novembro de 2020. Disponível em: <<https://www.pnbonline.com.br/policia/jornalista-a-executado-com-tiros-na-cabea-a-dentro-d-e-carro/71610>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

ONU, Organização das Nações Unidas . **End Impunity Crimes Against Journalists.** Disponível em:

<<https://www.un.org/es/observances/end-impunity-crimes-against-journalists>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006;

PRIETO, Martin. **80 periodistas muertos en Argentina sin un minuto de silencio**. El País, 31 de Julho de 1983. Disponível em: <[https://elpais.com/diario/1983/08/01/internacional/428536804\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1983/08/01/internacional/428536804_850215.html)>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

Redação OperaMundi. **223 jornalistas desapareceram durante ditadura militar na Argentina, aponta relatório**. OperaMundi, UOL. 9 de Junho de 2019. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/58901/223-jornalistas-desapareceram-durante-ditadura-militar-na-argentina-aponta-relatorio>>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020;

ROJAS ÁNGEL, Cesar. **América Latina: la impunidad debilita al periodismo**. France 24, 29 de Outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.france24.com/es/20181029-america-latina-impunidad-crimenes-periodismo>>. Acesso em 09 de Dezembro de 2020;

UNESCO. **Informe de la Directora General sobre la Seguridad de los Periodistas y el Peligro de la Impunidad**. Disponível em <<https://es.unesco.org/themes/safety-journalists/dgreport>>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020.

UNESCO. **UNESCO observatory of killed journalists**. Disponível em <<https://en.unesco.org/themes/safety-journalists/observatory>>. Acesso em 7 de dez. de 2020.

UTPBA, **Periodistas Desaparecidos: Las voces que necesitaba silenciar la dictadura**. Unión de Trabajadores de Prensa de Buenos Aires. Buenos Aires, 1987.